

# RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:  
ARQ. JERÓNIMO REIS

Redactor principal:

DIRECTOR

PROPRIEDADE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

ADMINISTRADOR:  
JOAQUIM DO SOUTO

ANTÓNIO GAIO

Higino Augusto Pires

DA  
A. A. E.  
(SECÇÃO CULTURAL)

RUA 11-104 — ESPINHO

Composto e impresso — TIP. PROGRESSO — ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO II N.º 20-28 / Fevereiro / 1949

## ALÉM-MAR

### ANGOLA

V

Aos distintos jornalistas e bons amigos  
Tenente-Coronel Vitória Pereira  
M. de Pimentel Teixeira

Não esquecerei nunca, por muitos anos que viva, a profunda impressão que senti quando me foi dado fazer, pela primeira vez, a viagem de Moçamedes a Sá da Bandeira, na carrinha que gentilmente foi posta á minha disposição pelo querido amigo e bom espinhense, Emidio Moreira Gandra, que em viagem comercial se havia deslocado á formosa cidade costeira do Sul de Angola!

Foi com alvoroço que aceitei o amável convite. É no dia aprasado, pelas seis horas duma manhã maravilhosa, acomodados os farneis e os agasalhos indispensáveis para a «travessia», lá fomos a caminho do planalto.

Percorridos os primeiros quilómetros, já em pleno deserto, como tudo me parecia estranho, misterioso, avassalador! Era uma emoção nova, imprevista, que profundamente me dominava! Os meus olhos não se cansavam de olhar aquela aridez sem fim feia-bonita que pode conduzir um homem, irresistivelmente, ao mais profundo abismo!

A estrada é, de começo, muito irregular, de mau piso, serpenteante, areenta, larga aqui, estreita logo a seguir, numa incerteza que obriga o condutor a tornar-se cuidadoso, firme e sereno, pois, o mais ligeiro descuido e aí temos o carro enterrado (coisa frequentíssima) ou caído nalguma ravina inesperada. Deixemos, porém, entregue a condução á mão competente do querido Gandra — que conhece Angola de ponta a ponta — e contemos aquilo que nos foi dado ver e sentir.

A umas dezenas de quilómetros de Moçamedes, a estrada atravessa o rio Giraul. É eis o primeiro problema.

O rio levava ainda uma impetuosa corrente, proveniente das grandes chuvadas que nesse ano — foi em 1947 — atormentaram toda a colónia. Não havia, nem há,

Continua na pág. 3

## EDITORIAL

### Lendas Eternas

Legou-nos o grande épico Camões, em estrofes e canticos de inspiração quase divina, a narrativa das lendas do Mar Tenebroso, lendas essas corridas nos séculos heroicos dos nossos antepassados. Do seu conhecimento por intermédio da leitura da «Bíblia Nacional» e da investigação histórica através dos tempos, ficamos cientes da Alma dos portugueses de antanho, em muitas situações continuada e mantida até aos nossos dias. A impressão que a muitos feriu indelévelmente, radica-se na lógica conclusão de que fomos, e somos ainda, um Povo ousado mas ingénuo, atrevido mas sentimental, brilhando a espaços em fulgores de raro esplendor, para em seguida nos apagarmos inesperadamente, recolhendo o nosso espírito a medianias ou inferioridades mais ou menos prolongadas.

O medo do desconhecido continua a povoar-nos a mente de visões apocalípticas de desgraça, tornando-nos apáticos e moles, base latente para a covardia íntima do nosso espírito, repleto das melhores características temporais e de pureza indesmentível nas manifestações anímicas. Isto mesmo se verifica socialmente nos tempos correntes, com proeminencia da classe senil menos disposta a aceitar qualquer evolução que lhes merece, quase sempre, o título de Aventura, definição cómoda, é certo, mas também extremamente discutível.

A nossa tradicional predisposição para a superstição e para o lendário, é um dos factores obstrucionistas mais evidente para os possuidores de verdes anos, que se recolhem a lugares comuns em manifestações de espírito, obsecados por um estatismo que, pela frequência de uso, já criou fortes raizes. Os moços de Espinho, «académicos» ou não, têm vindo a tentar quebrar esse detestável ritmo quase secular das nossas gentes, adoptando no seu órgão uma conduta falível e imprecisa, por vezes, mas sempre desempoeirada, a que não é estranho o auxilio que nos tem sido dispensado pelo espírito moço de alguns homens mais práticos da vida. A comunhão entre o nosso verdor e a prudência inteligente dos mais velhos, poderá dar combate ao receio ridículo e conformista de que tudo são maravilhas nesta terra de boa gente, onde existe, como em toda a parte, competentes e incompetentes, bem e mal intencionados, cretinos e valores sociais e finalmente bons e maus espinhenses.

Quebrems portanto a superstição ancestral de que a juventude é um rio caudaloso que não cura de saber o leito que cava, e olhemos sem peias e sem loucuras o futuro que espera, e se traça, para a nossa Terra, procurando teimosamente, quando ela nos não for conferida, uma situação em que, efectivamente, possamos tomar parte na realização integral do sonho de todos nós — colocar Espinho no lugar que merece, e engrandecer o património da Terra Portuguesa dando-lhe uma pedra valiosa, já lapidada, e que apenas falta polir.

Higino Pires

## MARÉS VIVAS

### Dr. Manuel Larangeira

Foi há 37 anos, no dia 22 de Fevereiro de 1912. Uma bala pôs termo àquela atormentada vida.

Não era espinhense, pelo nascimento, o ousando pensador. Era-o, porém, pelo coração. Para aqui viera, muito novo, e aqui viveu, amou e sofreu. Espinho de então devia-lhe muito. A volta da sua figura prestigiosa, fulgurante, reuniu-se, vindos de longe (como Miguel Unamuno) atraídos irresistivelmente, alguns intelectuais de nomeada. E Ele era o fulcro, era a chama, era o dominador. Vir a Espinho foi, então, prémio consolador para muita gente. E a terra cresceu e melhorou, pelas tubas da fama. Espinho era um cartaz vibrante. Iluminava a nossa terra uma esfrela de primeira grandeza. Manuel Larangeira, Espinho, dois nomes que não se pronunciavam separadamente!

Os tempos rolaram, vertiginosos. E rolou também, para o esquecimento, o nome do grande poeta e pensador. Espinho, terra feita, alicerçada, progressiva, esqueceu-se de pressa daquele a quem tanto ficara devendo.

«Rumo» e a Associação Académica de Espinho, a quem preocupam as coisas da cultura e a quem interessam o prestígio e o progresso da nossa terra, não podiam ficar indiferentes perante a onda do esquecimento e da ingratidão. E, juntos, irmanados no mesmo Ideal, estão presentes para lembrar aos espinhenses, em particular, e a todos os portugueses, em geral, que Manuel Larangeira vive ainda nos nossos espíritos.

Pela primeira vez, após a morte do Poeta, vai em Espinho prestar-se-lhe homenagem condigna. E ousamos lembrar á Ex.<sup>ma</sup> Câmara que, no Porto, há uma rua com o nome do grande espinhense adoptivo e que em Madrid (em Madrid, presados leitores!) há outra rua com o mesmo nome.

A Ex.<sup>ma</sup> Câmara instituiu já um prémio escolar com o nome do saudoso autor do «Amanhã». Porque não prestar homenagem definitiva e eterna ao insigne torturado?

Continua na pág. 3

# PROSAS BÁRBARAS

## CARTA ABERTA ao meu amigo Serafim

Lamento, meu amigo, que não tenha compreendido a nobreza das minhas intenções. Eu quiz, em primeiro lugar, focar a personalidade jornalística que o caracteriza. Eu admiro-o, Serafim, creia-o. Você conseguiu, não só, ser proprietário, editor e director como também redactor desse jornal, de quem Thomas Mann afirmou: «E' um segundo Cosmos». Você tem garra. Os seus artigos de fundo são sempre profundos, metafísicos, geniais, magistrais, piramidais e cheios daquela filosofia natural que faz do Homem o animal mais teimoso do Globo. As suas notícias são sempre úberes de oportunidades cinzeladas, matemáticas e fidedignas.

Eu não sei onde o meu amigo conseguiu tanta cultura, erudição e frenesi literário. Tem artigos em que o estilo paira em vôo camoneano ou em galgar a António Vieira.

Ah Serafim, como o invejo. Você vai longe... com o seu Pirolito, jornal regionalista e de grande tiragem.

Eu admiro-o. Você é um sacrificado, uma vítima do seu cargo, que cumpre seguindo o conselho de Strabão — não rodeies o escolho, destroe-o.

E assim se compreende que se tenha sacrificado a si, aos seus, e aos seus haveres, nessa missão altruísta de quem educa um povo, instrue uma Nação e dirige uma Pátria.

Missão bela a sua, Serafim!

O seu jornal é lido com avidez nos meios políticos internacionais; nada se resolve sobre economia sem se ler a sua opinião esclarecida; nada se inicia na U. N. O. sem se verificar se V. Serafim concorda... e glória das mais gloriosas, o seu jornal é o único — note-se, é o único — que se lê para lá da cortina de ferro.

Tenho lido diversas transcrições dos seus artigos no Boletim Meteorológico Norueguês, não decerto (como dizem certos inimigos seus, indivíduos desprezíveis e sem cotação) não decerto, repito, pelo facto dos seus artigos meterem água mas porque o meu amigo faz do seu reumatismo um serviço meteorológico.

Serafim, eu quero que me compreenda. Eu não o quiz ofender. Ofenderia eu, um Bernardes, um Garrett, um Camilo? Oh, não! Então porque ofendê-lo eu a si que deu à luz da imprensa portuguesa o Pirolito!

O Pirolito, Serafim... o Pirolito!

## O AZUL NA MELODIA CONTO SÉRIO

Mr. Pandra não era o que, apropriadamente se pode apelar de um intelectual. No entanto o seu contacto diário com Mr. Tockwas dera-lhe aquela agudeza de espírito e aquela soma de conhecimentos que o permitiam sobressair da vulgaridade.

Mr. Pandra e Mr. Tockwas formavam um estranho par. Enquanto o primeiro era baixo, rebolado, lento no andar e vagaroso em todas as suas atitudes — o segundo era alto, magro, de compleição nervosa e enérgica.

Naquela tarde Mr. Tockwas estava de mau humor. A sua voz tinha modulações agudas e os seus braços movimentavam-se mais rápidos e mais enérgicos.

— Você é um burro, Mr. Pandra, berrava enfurecido Mr. Tockwas. O senhor está, há perto de meia hora, a escutar a minha Teoria sobre «O Azul na Melodia»; escuta-me com um ar inteligente, de quem percebe; me- neia esse crâneo rebolado como quem concorda... e agora — só

agora, noto — afirma-me com voz sepulcral que não percebeu nada.

Mr. Pandra não pareceu sentir-se com os insultos de Mr. Tockwas. Continuou imperturbável a chupar o seu havano, lançou duas ou três espirais de fumo e respondeu:

— Mr. Tockwas a sua ira não me interessa de sobremodo. Dizem os sábios — entre os quais dou um lugar proeminente ao meu amigo (Mr. Tockwas tossiu delicadamente) que a ira é de causa endócrina. A glândula hipofise lança no sangue uma maior quantidade de pitruína ou pituitrina. E que daí — e o meu amigo já uma vez a isso se referiu — um aumento da pressão arterial. Ora, Mr. Tockwas, um aumento da pressão arterial em indivíduo arterio-esclerótico ou sifilítico pode ser prejudicial. A hemorragia cerebral pode surgir, rápida e mortal. Mas noto-lhe também, por outro lado, que há certas emoções que matam. Dizia, um médico, cujo nome me esque-

## O MISTÉRIO NA POESIA

### Polifonia Sensibile

(de Wurn Aubrecht)

Parte. Vai. Esquece. Simbolisa

O trágico porvir do mísero caído,  
Na hora inglória dum passo poluído  
De quem procura o Ego na sombra esquizada.

Vai e aponta. Aponta a garra e estigmatiza  
Zeus, o Cosmos, o Zéro e o Sonho Revivido...  
Sê navegante e ara o mar tão conhecido  
Em busca da Ilha de Ló, a lévica poetiza.

E quando encontres a tua Ilha e teu Mundo,  
Fá-la tua amante, ergue-lhe uma ermida,  
Mistura-te com a lama, sê barro imundo

E não voltes à Genes que te deu a Vida  
Mergulha antes no Olvido do Ser Profundo  
Onde ser Humano é ser Suicida!

**Crítica:** O presente soneto de Wurn Aubrecht faz parte do Poema «Nas terras de Alá e seu Profeta» que a Editora Flavo pensa editar. Poeta absolutamente desconhecido em Portugal, Wurn Aubrecht, de quem dizia Stephan Paupuhes: E' o iluminado da poesia cósmica, o sincopado do ritmo curto com vibrações que nos recordam Butricelli ou Pantellaza.

Na realidade Wurn nasceu em 1910, em Sofia, atravessou o período post-guerra. A sua alma dotada de extraordinária sensibilidade (*sensibile auneckurst*) foi ferida pela iconoclastia que exalava a atmosfera social europeia. Após o seu poema «Boltas», diatribe violenta ao professor de Filosofia Jerome K. Jerome, escreveu «3 notas de música: o dó e o ré.» e «Farsa do Homem sem Alma».

ceu — mas que o meu amigo, com a sua alta cultura, não ignora decerto —, dizia um médico, repito, que tinha uma angina do peito, que a sua vida estava na mão de qualquer cretino que o quizesse irritar. Ora, meu caro senhor Tockwas, posso ser cretino mas não quero ser assassino.

O facto de eu não ter percebido a sua teoria antes o deve orgulhar. Porque do seu cérebro genial, da sua nobre inteligência, só pode nascer uma teoria brilhante mas que não pode ser atingida por um cérebro vulgar. Ao princípio percebi o seu raciocínio... depois fiquei ofuscado... e acabei por perder-me no labirinto das suas explicações. Acredito que o Azul seja intrinsecamente uma melodia colorida mas não percebo, por falta de conhecimentos decerto, a razão porque o azul se dilui em verde e o verde é a projecção do infinito. Acredite Mr. Tockwas que aceito sem discutir a sua teoria sobre «O Azul na Melodia», como já aceitei a da

MARÉS VIVAS

Dr. Manuel Larangeira

Continuado de pág. 1

Vamos comemorar o 37.º aniversário da morte de Manuel Larangeira, do modo seguinte:

— Domingo, 6 de Março: Romagem ao cemitério de Espinho, onde se encontra sepultado o Poeta, falando junto da campa um orador a designar. A concentração far-se-há no largo fronteiriço á Câmara Municipal, pelas 11,30 horas.

— Durante o mês de Março, nos dias 5, 6, 7 e 8: — Exposição bibliográfica nas montras da Alfaiataria Lacerda.

No dia 31 de Março: Número especial do «Rumo» com escolhida colaboração de alguns dos melhores nomes da literatura portuguesa.

Projecta-se, também, fazer a representação de uma das peças de Manuel Larangeira. Não pode garantir-se, todavia, a sua efectivação. Há um certo número de dificuldades a remover. E também, digamos sinceramente: ou se consegue uma representação condigna, ou, caso contrário, é melhor não fazer nada.

«Rumo» continua, pois, por Espinho. Sem subserviências. Procurando ser justo e amigo de todos os que, verdadeiramente, sejam amigos de Espinho.

## A. H. BOMBEIROS V. ESPINHENSES

Foram recentemente eleitos os corpos gerentes da Associação dos Bombeiros Voluntários Espinhenses para 1949. Aos novos dirigentes da prestimosa Associação, cuja lista a seguir se publica, desejamos as melhores felicidades no desempenho da sua árdua missão.

### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Dr. Amadeu Alves Moraes  
Vice Presidente: Dr. Joaquim Pinto Valente  
1.º Secretário: Abel de Magalhães Figueiredo  
2.º Secretário: Joaquim Soares Silva.

### DIRECÇÃO

Presidente: Pedro Luís de Rezende; Vice-Presidente: João Carvalhal da Gama Barata  
1.º Secretário: Saul Godinho; 2.º Secretário: Carlos Jerónimo Fernandes Pereira; Tesoureiro: Henrique Ferreira Cleto; 1.º Vogal: Ernesto Pereira de Oliveira; 2.º Vogal: Francisco Gomes de Castro.

### CONSELHO FISCAL

Presidente: Luís Francisco Duarte; Vice-Presidente: Arq.º Eduardo José de Lacerda Pereira Machado; Secret.º Relator: António de Souza Couto.



«O Espírito cinza da Matéria» e «A Paralela expressão do Caos».  
Mr. Tockwas aceite as minhas sinceras homenagens.  
E dito isto Mr. Pandra agarrou num jornal e poz-se a resolver um problema de palavras cruzadas.

Earl Newster

28-2-49  
IVAS  
rangeira  
quado da pa  
rar o  
de Manu  
guinte:  
de Març  
rio de Esp  
tra sepu  
o junto  
a design  
re-há  
amara Ma  
oras.  
de Març  
Exposiç  
ontras  
co: Núm  
com es  
de algu  
da litera  
fazer  
peças de  
pode ge  
ectivaçã  
dificulda  
digamos  
gue uma  
ou, caso  
zer nada  
is, por  
ências,  
amigo  
ramente,  
HENSES  
os corpos  
os Volun  
os novos  
cujas lit  
melhores  
a árdua  
Morais  
Valente;  
iguiredo;  
ra.  
nde; Vici  
na Barata;  
Secretário  
a; Tesou  
o Votál  
gal: Fran  
arte; Vici  
de Lacerda  
Antônio



## Sinfonia Colorida

Era senhor dum mundo diferente. Dono dum reino onde brilhava um sol intenso e quente, a dar vida à cor, ao amarelo-ouro das longas planícies, ao verde melancólico dos ciprestes, às sinfonias coloridas das flores. Vivía numa terra conquistada por uns olhos brilhantes e ávidos, tantas vezes escurecidos pelas lágrimas, e por aquelas mãos tão conhecidas do seu coração. Devia sentir-se feliz por ser dono e senhor de tanta luz e de tanta cor, mas a sua alma sangrava e o coração, aquele maldito sentimental, segredava, acusava sempre a sua solidão. Era um esmoado de amor. Não conhecia uma alma gémea que compartilhasse das dúvidas, das incertezas, e o ajudasse a fazer da esperança a vitória e da derrota a esperança. Vivía sozinho, debatendo-se, desesperadamente, num mar que o ameaçava subverter. Naquele homem triste, fechado, sempre distante, travava-se uma luta violenta entre a inteligência e o coração. Só o trabalho constante e árduo conseguia baixar a voz interior, a insatisfação que o fazia sofrer. E pintava sempre, sempre, com desespero, derramando nas telas o seu sangue, o sofrimento.

Mas o sol desaparecia, as cores empalideciam, e vinham o torpor e a mansidão da noite. Tudo mergulhava na sombra, menos o seu coração, aquela voz que no silêncio azul e escuro, tornava-se um punhal feito da luz das estrelas, a retalhar, a mortificar. Procurava, então, no álcool e nas mulheres fáceis, o entorpecimento, a distância, o cinismo e aquela alegria estranha e insensata que o fazia vazio e embrutecia.

Ele sabia que os excessos o levariam à ruína, mas não podia agir doutra maneira. Vicente van Gogh não era um homem como os outros. Era escravo do trabalho, da cor, do sol. Só existia a sua arte. O Homem, o coração, não contavam. Tinha de esquecer.

O cérebro que comandava aquele corpo martirizado não resistiu à aliança, à fusão daquele sol abrasador que procurava pintar, com o álcool prenhe de sonhos alucinantes. A sua consciência perdeu-se num redemoinho de cores que não pôde dominar.

As portas do hospício eram uma barreira entre dois homens.

Quando regressou, o pintor teve uma visão nova do mundo que tanto amara nos tempos do adolescente idealista, pronto a abandonar a família, para se dedicar ao Evangelho de Deus e à da miséria suja e negra dos mineiros, na Bélgica. Os anos mostraram-lhe a verdade, mas agora

Continua na pág. 4

# A LÉM - M A R A N G O L A

Continuado da pág. 1

qualquer ponte. Construiu-se, recentemente, uma *passadeira* de cimento, o que permite, com facilidade, fazer agora a travessia. Mas, nessa altura, o remédio foi descarregar a *carrinha*. Depois de toda a carga ter sido transportada aos ombros dos pretos que ali especialmente fixaram uma aldeia, amarrou-se um grosso cabo de corda à frente do veículo e... começou a faina. Vinte, trinta pretos, fazendo uma barulheira infernal, gesticulando e gritando mais do que puxando, movem lentamente o carro já enterrado na água até aos eixos. Com o motor trabalhando também, num esforço demasiado, lá se vai «caminhando» aos poucos, pára aqui, pára ali, desenterra acolá, numa luta movimentada e fatigante que acabou, ao cabo de trinta minutos, com a gritaria triunfal dos negros mal o carro chegou a terra firme.

Pago o «mata bicho» (assim classificam os pretos a gorjeta), o carro já carregado de novo e eis-nos a caminho, vigorosamente, pois na outra margem há um obstáculo rude de vencer, uma subida muito íngreme, de piso péssimo, sem resguardo de qualquer espécie, em curvas e contracurvas, ou seja, como lá dizem, uma «tromba de elefante».

Estamos, vencida a dificuldade, no primeiro planalto. Capim, mais capim, e as primeiras cabras de leque aparecem, aqui e ali, madrugadoras, refrescando-se no capim molhado pela cacimbada da noite anterior. Nós não íamos, porém, decididos a caçar. E assim, as lindas gazelas puderam fugir em segurança e nós continuamos, em marcha agora mais acelerada, o nosso caminho, que seria longo, dado que havia 230 quilómetros a percorrer!

A linha do caminho de ferro, que nos acompanhará quase sempre até Sá da Bandeira, foi já atravessada algumas vezes. Transposta a «Pedra Grande», local rochoso onde a paisagem começa a ser diferente, mais variada, e onde havíamos parado uns minutos para comer algumas laranjas e saúdar o sol brilhante que começava a aquecer—seriam 8 horas—ai vamos apressados, subindo, subindo sempre, uma subida *lançada*, como soe dizer-se, e que nos parece não ter mais fim!...

Subitamente, um pequeno edifício em ruínas, ali, junto a um grande rocha, numa curva. Hoje, para nada servem aquelas paredes escurecidas a não ser para ninhos de cobras. Mas, ontem, fizeram muito, prestaram valiosos serviços aos primeiros colonos que, numa das mais espantosas odisseias da nossa colonização, se lançaram desde a costa, aos grupos, nos seus carros de bois, homens, mulheres e crianças, á procura daquilo que seria, para eles, o seu «Shangri-La»! Mas não cabe, nestas reduzidas impres

sões, o espantoso relato dessa epopeia de sangue, de suor e de lágrimas. A fome, a sede, as feras vitimaram ou enfraqueceram muitos! Lutou-se espantosamente. Venceu-se. Desbravou-se o caminho pelo qual irromperiam, em irresistível abalada, os portugueses de outrora, a caminho da terra prometida!

O trajecto que hoje, de automóvel, se faz normalmente em 7 ou 8 horas, levava meses, nesses heróicos tempos! Porisso, ao percorrermos esse mesmo caminho, comodamente instalados numa cabine espaçosa, a 60 ou 70 quilómetros à hora, sentimos uma admiração profunda e respeitosa por aqueles que, então, irresistivelmente, sofreram, abalaram cheios de fé à procura dum mundo melhor!

Passado o *quilómetro 78*, onde avulta, como que eriçada num penhasco, uma casa de habitação—«A casa do Torres», como é vulgarmente conhecida e junto da qual passei, mais tarde, uma das mais belas noites da minha vida,—embrenhamo-nos em pleno mato, de vegetação baixa, mas densa. E' já o reino de S. M. o Lião—magestade para nós duvidosa e imprópria porque, por ali, anda vivendo pavorosamente S. Ex.<sup>o</sup> o Senhor Elefante, o mais forte, sem dúvida, dos animais da selva africana! Foi, aliás, a fera humana que decidiu tal classificação intempestiva.

Retomemos a marcha. A estrada é e será agora, por algumas horas, cortada frequentemente por correntes de água, as mais diversas e caprichosas, que descem apressadamente dos contrafortes da Chela. E' assim como que uma espécie de *montanha-russa* que o potente *Chevrolet* do amigo Gandra vence resolutamente!

Aparecem as primeiras «fazendas», criadas sobretudo para o gado bovino. Perto da estrada, uma casinhas humildes, junto das quais, à passagem dos carros, há sempre mãos amigas dum homem ou duma mulher, faces tostadas pelo sol inclemente, a dizer-nos saudosamente adeus, um adeus prolongado ao qual todos correspondem gratos e compreensivamente...

Vamos parar um pouco, como que obrigatoriamente, ao *quilómetro 118*, local chamado *Munhino*, onde passa um rio do mesmo nome, que não temos necessidade de atravessar. Ali se acha instalado um posto administrativo, dirigido por um senhor muito amável e acolhedor, que vive na companhia de sua esposa, uma senhora também muito simpática. Ali vivem... e falemos sinceramente, ali sofrem resignados, cumprindo o seu dever de bons portugueses! Mas tão sós, santo Deus!

Continua na pág. 5

## UM APELO UM PROBLEMA

Foi com muito agrado que li no último número do «Rumo» o artigo do actual Presidente da Direcção A. A. E., Dr. Amadeu Morais. Gostei francamente de saber que ainda preocupa os dirigentes da Académica o objectivo primacial da sua existência para que corresponda àquilo que dela se espera. Essa preocupação tantas vezes andou arredia dos responsáveis pelos destinos da colectividade que foi milagre não ter sido irremediavelmente esquecida. Diga-se, desde já, a título de precaução, que não fomos daqueles poucos que teimosamente sempre remaram contra a maré. Terminava o Dr. Amadeu Morais os suas consoladoras palavras expressando o seu desejo de que, alicerçados num «mínimo de condições necessárias à obtenção de vantagens imediatas» os novos cerrassem fileiras em volta dos «velhos» até à completa realização do objectivo projectado inicialmente. Estou certo de que esse será o desejo de quantos prezam sem reservas a nossa Académica. Estou certo da sinceridade do Presidente e do seu devotado intento de fazer mais e melhor, assim como estou certo de que para tal encontrará a melhor colaboração em todos os seus colegas e em todos os verdadeiros amigos da colectividade. Creio que nunca a Académica teve melhor oportunidade para bem cumprir a sua missão pois nunca foi tão bem servida de colaboração na sua secção cultural. Por tudo isto não será optimismo exagerado augurar-lhe o melhor êxito e por tal êxito se sentirão gratos todos os bons Espinhenses e dele terão orgulho desde que não queiram ignorar que todos, estudantes ou não, pertencemos à comunidade e em favor dela trabalhamos.

Manifestado o meu aplauso pelos bons propósitos que parecem animar os Directores da Académica, peço licença para fazer umas leves considerações acerca dum ponto que para mim é de respeitável importância e que, pelo que me tem constado, pode dar lugar a interpretações erradas. Já me referi ao facto de ter sido escrito que existe actualmente na Académica um mínimo de condições necessárias à obtenção de vantagens imediatas. Ora, entre muitas outras condições que possam servir de base à obtenção de determinadas vantagens, à iniciativa de muitos empreendimentos, logo vem à lembrança o desafogo económico ou pelo menos um certo equilíbrio económico, coisas que andaram sempre um tanto arredias. Mas conseguiu-se finalmente resolver o problema financeiro? Se assim aconteceu só temos todos que nos congratular e ao mesmo tempo felicitar os obreiros de tarefa tão proveitosa quão difícil; e eu sei bem dessa dificuldade por experiência própria pois, que me lembre, nunca tal se conse-

Continua na pág. 4

# UM APELO

## UM PROBLEMA

Continuado da pág. 3

guiu noutros tempos. No entanto, esse progresso no campo económico ou foi conseguido à custa de sensível incremento das habituais fontes de receita, o que seria louvável, ou então foi motivado pela utilização de novas fontes o que será também de louvar desde que esses novos horizontes não briguem com o espírito acentuadamente desportivo e moralizador que sempre deve ser apanágio de quem dirige uma agremiação de gente moça e empenhada em valorizar-se, no corpo e no espírito.

Foi o receio de ver a nossa Académica enveredar por caminho errado que me levou a antecipar-me à possível revelação da pior hipótese para, baseado principalmente no conhecimento de passados erros, embora de pequena escala, lançar um apelo aos actuais dirigentes no sentido de se evitar tanto quanto possível a construção de obras sãs e de espírito renovador sobre alicerces impróprios. Poderão dizer-me que nestes últimos anos novos encargos se foram criando ou por uma maior expansão da colectividade ou até por uma sensível metamorfose no espírito da maioria dos associados, dantes tão acentuadamente desinteressado e até mesmo de sacrifício. Nada disso contestarei tanto mais que, bem contra a minha vontade, tenho andado afastado da vida interna da Académica mas sei que já em tempos a questão financeira se apresentava por vezes como de vida ou de morte e no entanto nunca ficamos a dever a nossa relativa saúde a drogas pouco recomendáveis quando tomadas em excesso.

Manuel Baptista

Leia, Assine e Propague

R U M O

# Concurso Fotográfico

## Organização da A. Académica de Espinho

Conforme foi anunciado no nosso número anterior, a A. A. de Espinho vai levar a efeito um concurso fotográfico, reservado a amadores, com prémios que oportunamente serão anunciados. Para tal efeito procedeu-se à organização do seguinte

### Regulamento

1.º—São admitidas 3 espécies de fotografias: crianças, paisagens e retratos.

§ único—Na espécie «paisagens», o jury incluirá, para maior facilidade de classificação, todas as fotografias que não sejam das espécies «crianças» ou «retratos».

2.º—As provas premiadas ficarão sendo propriedade da A. A. E.

3.º—A melhor fotografia sobre assuntos do concelho de Espinho terá um prémio especial.

4.º—Os concorrentes dividem-se em duas categorias:

A) —Principiantes: os que nunca participaram em qualquer concurso ou exposição.

B) —Iniciados: os restantes, não podendo estes apresentar qualquer foto já premiada.

5.º—O formato da mancha fotográfica terá um tamanho único, para melhor e mais justa classificação: 18 x 24.

6.º—As provas deverão ser entregues num envólucro fechado, sem qualquer referência, e montadas em cartão ou cartolina, sem moldura nem vidro, no formato 24 x 30. Juntamente com as provas, cada envólucro fechado deve conter um subscrito, também fechado, contendo o verdadeiro nome do concorrente, sua morada e pseudónimo adoptado. Na parte exterior desse subscrito deverá figurar apenas o pseudónimo do concorrente.

7.º—Em cada prova ou montagem, além do título do trabalho e categoria do concorrente (A ou B), apenas é permitido o pseudónimo adoptado.

8.º—A fotografia deve ser apresentada, ou a preto, ou em qualquer entoação. Não serão aceites para concurso as reproduções de quadros, de desenhos, ou as fotografias coloridas à mão. Não serão também consideradas para concurso as fotografias obtidas pelo moderno processo do Tecnicolor.

9.º—Haverá um jury, a indicar oportunamente, para a admissão, classificação e atribuição de prémios.

10.º—Antes da classificação do jury, as fotografias admitidas serão expostas durante alguns dias, em local a designar com antecedência, abrangendo pelo menos um sábado e um domingo.

11.º—Haverá o máximo cuidado com as provas recebidas, mas não se toma a responsabilidade de quaisquer danos que possam sofrer.

12.º—A inscrição que custa apenas Esc. 15\$00, e a entrega das provas, deverá ser feita na Papelaria Sousa, à Rua 19 em Espinho, e termina impreterivelmente no dia 21 de Maio p. f., sendo feita a classificação no dia 31 do mesmo mês.

13.º—Os casos não previstos neste Regulamento serão resolvidos pelo jury, sem apelação.

\*

Qualquer informação poderá ser pedida na Papelaria Sousa—Rua 19—Espinho.

«Rumo» espera poder publicar no próximo número a lista dos prémios para este concurso, ao qual está reservado, por certo, um absoluto êxito.

# RÁDIO RUMO

Não, estimados leitores, não é o sonho duma noite de verão! Estamos a trabalhar para a efectivação desta maravilhosa ideia e, como nos anima o intento de fazer sempre «mais e melhor», lançamos mãos à obra!

Espinho, a nossa querida terra, pode ter um posto emissor. Porque não? Porque não faremos esforços no sentido de adquirir tão valioso meio de propaganda?

Poremos de parte os incrédulos e os cétricos. E empunhando o mesmo luminoso facho que levou a A. Académica de Espinho às mais ousadas realizações, seguiremos ávante: por Radio-«Rumo».

## Miniaturas

Continuado da pág. 3

a desilusão era total. A humanidade chamava-lhe louco e pedía a sua prisão. Odiavam-no, a ele que tinha tanto amor para dar. Deixassem-no seguir o caminho, iluminado pelo sol que tanto amava, e na companhia simples e verdadeira das árvores e das flores.

Caíra num plano inclinado e não podia libertar-se. A queda continuou. Foi novamente internado. Lançado, outra vez, ao escárneo e ao insulto, continuou entregue à natureza e à pintura. Isolado, pintava febrilmente. Inundava as telas de sol e flores. Atingira quase a perfeição. O seu mundo colorido, conquistado com tanto sacrifício, era agora, enorme, demasiado grande para um cérebro gasto e um coração implacável. Não podia sofrer mais. Foi de encontro à morte. Suicidou-se.

Num turbilhão de cores desvaídas passou à quietude da escuridão, à ausência.

Desapareceu o homem, o sofrido. Mas a alma, o amor de Van Gogh, permanecem na luz intensa que os seus quadros deram generosamente.

Nuno Rangel

### FOLHETIM MENSAL

## A ETERNA INJUSTIÇA

Devemos reconhecer a Tomas Edison a glória da lâmpada eléctrica, a Marconi a da Rádio e a Bell a do telefone. Não há livro de História, digno do seu nome, que a eles se não refira, como marcos milenários na história da Civilização. Mas, senhores, sejamos coerentes: a Humanidade deve, na realidade, bastante, muito até, a estes homens prodigiosos. Mas há tantos homens a quem injustamente a Humanidade esqueceu o nome e a quem não se dignou erguer-lhe uma estátua. Quem inventou a cafeteira? Meus senhores, a cafeteira é, sem dúvida, uma importante in-

venção, de grande utilidade prática. Erga-se uma estátua, portanto, ao inventor da cafeteira. Quem inventou o fósforo de pau, de cera e de papel? Quem descobriu o mata-borrão? Meus senhores, a invenção do mata-borrão é de importância transcendente. Quem criou o primeiro sapato modelo? E o lápis de escrever? E o limpa-unhas? Na higiene da humanidade o limpa-unhas é uma pedra basilar. Quem inventou a máquina de escrever? Quem concebeu o primeiro escarrador? Quem ideou o cinzeiro? Senhores: isto é grave: esquecemos os nomes dos pioneiros da Civilização.

Como surgiu a primeira navalha de barba? A primeira navalha de barba é a expressão estilizada dum povo.

Quem foi o primeiro barbeiro? Quem se recordou de engraxar os sapatos? Ah... senhores, como nos esquecemos nós destes homens?

Quem aproveitou o burro como animal de

transporte, o boi como animal de carga?

Quem idealizou o polícia-sinaleiro? Quem usou o chá de barbas de milho como diurético?

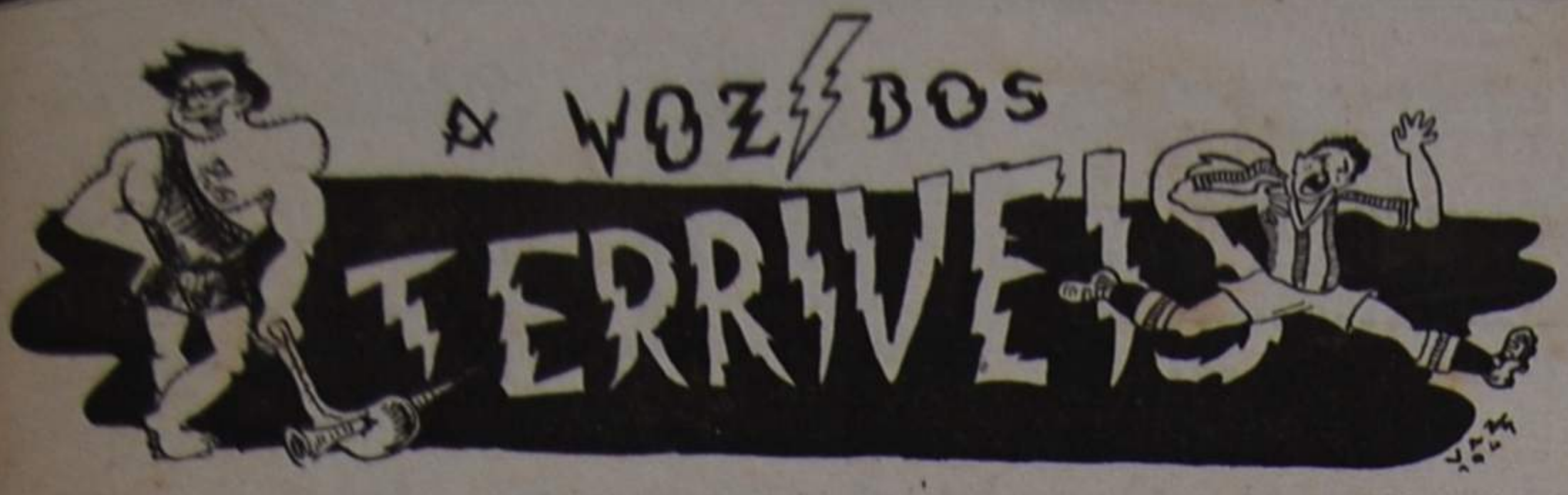
Senhores: onde pára a vossa memória? Quem foi que disse: Escarrar no chão é atentar contra a vida alheia? Quem profetizou: Quem com ferro mata com ferro morre?

Senhores: envergonhais-me com os vossos esquecimentos. Qual foi o primeiro romântico que disse a uma mulher: sois bela? E quem foi o primeiro cretino que ofereceu o seu lugar a uma senhora no eléctrico?

Quem disse: é feio meter os dedos no nariz. Quem afirmou: essa palavra é calão.

Senhores: eu peço para coerência desta humanidade esquecida, que se erga, em cada cidade, em cada vila, um monumento, uma lápide, ao Inventor Desconhecido e Esquecido.

Peço-o em nome de inventor do rouço, do chapéu e da cafeteira. Principalmente do da cafeteira.



ALÉM - MAR

ANGOLA

Continuado da pág. 3

Pobre Espinho!...

«Os cartazes afixados com profusão por todos os grandes centros populacionais do País e a oportuna publicidade dos detalhes e minúcias das Festas do Cinquentenário do Concelho de Espinho tinham produzido os efeitos desejados. Gente de todos os cantos de Portugal acorrera à nossa praia. Acotovelavam-se pela parte central da vila indivíduos do Minho e do Algarve, da Beira e do Alentejo, de todo o Portugal metropolitano, e alguns estrangeiros vindos à capital da Costa Verde para disputar as importantes provas de Ténis, Golf e Tiro aos Pombos. O programa, delineado com cerca de oito meses de antecedência, era cumprido inteiramente e agradava a todos os visitantes, das mais diversas e contraditórias opiniões e simpatias!» ..

Acordei. A queda vertical do alto plano dos sonhos, onde vogara, para o chão baixo e movediço das realidades abalou-me. Estamos em Março quase. Daqui a Agosto, início da época de verão, vão apenas cinco meses e, no entanto, nada se sabe sobre as Festas do Cinquentenário. Qual a entidade que se arroja à iniciativa? Qual o programa das celebrações? Quais os organismos com cuja colaboração se conta? Nada, nada se sabe! Enigma indecifrável! Incógnita insolúvel!

Isto também parece sonho mas, por nosso mal, é uma verdade, das mais nuas e cruas. Espinho, terra progressiva, civilizada, acolhedora, não encontra quem a sirva. Todos se recolhem ao comodismo abafado numa mesa de café, à crassa parvoíce das «tesouradas na casaca alheia»; todos se isolam na redoma baça do seu egoísmo, insensíveis ao vínculo colectivo; e, se alguém pensa um pouco no nome da sua terra e procura trabalhar pelo seu engrandecimento, é acolhido com um desdenhoso torcer de ombros mole e ôco, recebendo, em troca, uma ironia: «olhe lá, você não tem que fazer?».

Pobre Espinho! Que mal fizeste aos que vivem à sombra do teu apregoado nome, que mal fizeste que tão pouco te querem? Pobre Espinho!

«Transitâncias»...

Não sabemos exactamente porque ainda se não pode transitar «veiculamente», no segmento da Avenida 8, limitado pelas ruas 17 e 23.

Não nos venham dizer que deixar circular determinados veículos naquele pedaço de Avenida constitui afronta aos «pergaminhos» turísticos duma zona que só os pode ter pelo espaço de três

ou quatro meses durante o ano. Quando falamos de determinados veículos queremos fazer referência aos automóveis, motos ou bicicletas. Concordamos em que uma carroça ou um carro de bois já poderiam macular, não só o maltratado piso da avenida, mas também os tais pergaminhos patentados e perpetuados naquelas paredes indecisas, duma casa que há-de ser, se Deus quizer, e na «fachada monumental» daquele casino que olha sobranceiro por riba de duas palmeiras abatidas.

Será óbvio acrescentar que pelo espaço dos tais três ou quatro meses se torna necessário, em primeiro lugar, defender a «casca» dos transeuntes. Se assim é porque se podem fazer corridas de bicicletas na Rua 2 em plena época balnear, e durante todo o Santo Dia?

Confessamo-nos confusos. Dum lado abrem-se as portas aos estouvados e é um tal ver as mães e os papás a segurar os rebentos, não vá algum furioso arrebentar com eles. Do outro lado vedam-se as portas a quem pretende um caminho mais curto para a execução da sua tarefa.

Oxalá que tudo isto seja falta de «alembança» e que em breve a coisa deixe de estar tão complicada.

Pragas...

Espinho tem estado, de tempos a tempos, achacado por diversas epidemias que lhe diminuem em muito a posição conquistada. Epidemias de «politiquetes», inigrações de tarados mentais que fazem aqui o estágio necessário para ingressarem nos manicómios, e muitas, muitas outras «pragas» semelhantes nos efeitos. Estas pertencem à história e não vale a pena já censurá-las. Censuremos, sim, e com todo o vigor, a onda de manifesta falta de educação de que a nossa terra é agora vítima. Uma pessoa pacata, comedida e educada não pode passar ilesa pelas ruas de Espinho sem que aos ouvidos lhe cheguem as mais porcas obscenidades que, por mal nosso, vêem muitas vezes das bocas de pessoas que se gabam de educadas, cultas, virtuosas, etc. Não se olha ao sítio, às senhoras que passam, às crianças que tudo escutam e memorizam na ânsia de bem abrir os olhos para a vida! Não! Palavrões «porcográficos» correm em catadupa por todos os cantos...

Inscrevendo-se como sócio da ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE ESPINHO, cuida do seu futuro e colabora no engrandecimento da mais antiga colectividade do concelho

Continuamos. Já tínhamos há muito, nos nossos olhos atentos, o célebre «Morro Maluco», uma coisa assim parecida com um grande galo que houvessem feito numa cabeça, neste caso representada por um altivo monte! E é estranho: Não nos larga, o «Morro Maluco». A direita, à esquerda da estrada, detrás daquele monte, parecendo perto, aqui, sumindo-se ao longe, acolá! Mas está sempre. E' o senhor da região. Domina. Subjuga. Enton-tece. Porque lhe chamaram assim, tão cruamente? Não sei. Ninguém sabe. Mas todos o conhecem e respeitam. Não faz mal a ninguém e dizem-no virgem de vaidades humanas. E' simplesmente, para o rodar vertiginoso dos séculos, o «Morro Maluco», sentinela fantástica e altiva do sertão misterioso e fecundo da maravilhosa Huila!

Vamos fazer a primeira paragem demorada. Estávamos à vista da interessante povoação que se chama «Vila Arriaga». As árvores da rua principal são... tangerineiras de magnífica qualidade. Um oásis no interminável deserto. Estação importante do caminho de ferro, com as suas oficinas. Agradável conjunto. O «Hotel Cachiço», onde algumas vezes confortei o estômago, dirigido por um bom velho, e que o hábito foi transformando em ponto obrigatório de reunião. Os edifícios administrativos. A escola. A Capelinha. O incipiente campo da bola. E um calor forte, pesado, abafado, que nos alaga os corpos.

Fugimos, é o termo. Vamos em direcção da Humbia, outra povoação pequenina, com o seu apeadeiro do caminho de ferro. Outra paragem obrigatória. Os pulmões do Chevrolet precisam de arejamento e duma refrescadela para o galope final, que será de respeito.

Começa ali, na Humbia, verdadeiramente, a penosa subida dessa encantada e fantástica serra da Chela. O motor do Chevrolet está pronto, está sempre pronto, passe o réclamo. Vamos á escaldada! Redobrou a atenção do amigo Gandra, que tão bem nos conduz. Há agora nas suas faces afogeadas, crispações nervosas. As mãos estão alagadas de suor. Todo o cuidado é pouco. Ele sabe-o bem. Em muitas daquelas curvas apertadíssimas já baquearam alguns. Não se pode, não se deve parar. Vamos num ímpeto. O motor ronca cada vez mais forte. Constantemente, o auxílio da «primeira velocidade». Embragem dupla. Depressa. Cuidado! Temos que subir. Uma hora assim? Que importa? Abrem-se mais os nossos olhos. Respiramos a custo. A nossa vontade transmite-se á máquina poderosa mas cançada. E todos, como um corpo só,

nervosos mas confiantes, lá vamos na irresistível abalada.

Mas é forçoso parar por alguns momentos. Ah! Ainda bem. Acolá em cima, depois daquela curva, há um plano quase nada inclinado. Paramos. Um pedras nas rodas, á cautela, e vamos dar de beber ao forte lutador. Bebemos também. Sofregamente. E continuamos mais confiantes, mais serenos, mais calmos, respirando agora um ar puríssimo, aí a uns mil e seiscientos metros de altitude. A Humbia está lá em baixo, pequenina, minúscula, como um sonho. Cada vez mais pequena, mais pequena, até quase desaparecer!

Mais uma galopada. Rumo ao céu. Que nos importam os macacos, pelas ramarias, na beira da estrada? E' verdade. Lutamos. Vencemos. Atinjimos o cimo. Vamos todos repousar de novo!

Não saiu ferido da luta, o gigante mecânico. Rodamos outra vez. Para além. Com pressa de chegar. E para mim, que vivia o desconhecido, os momentos emocionavam-me. Sentia, cá dentro, qualquer coisa indefinível. Outrora, como eu — perdoe-se-me a comparação — outros sentiram a grande alegria de ter vencido a Chela. Quantos ficaram pelo caminho? Quantos não puderam trepar a gigantesca serra? Quantos morreram com os olhos postos no monstro altivo e dominador? Quantos?

Mas nós lá estávamos, a caminho da capital huilana. Mais uns quilómetros ansiosamente. A paisagem é agora algo incaracterística, monótona, enervante talvez. Pela pressa que temos de chegar? Sei lá! Por tudo. Por nada. Não queremos a paisagem. Vamos em busca do ideal!

Que vemos? Será possível? Tão longe do mundo que conhecíamos poderia haver uma cidade assim? Tão bela, tão perfumada, tão risonha, tão feliz, tão amiga? Com tantas flores, tanta água correndo nas valetas, tanta fruta deliciosa? Sim, era possível, meus queridos leitores. Tínhamos chegado. Tínhamos vencido!

Que teriam dito os meus olhos espantados e surpresos? Tanta coisa, decerto! E, dentro de mim, docemente, apressadamente, sentia correr o meu sangue de português, e o meu coração entoava, comovido e dominado, um hino de amor e de luz. Sentia, arrebatadas, frementes, tomando-me o peito todo, as vozes estranhas dos portugueses de outrora que, com a minha, gritavam, chorando, estas palavras mágicas, deliciosas, irresistíveis!

Aqui, é Portugal. A. O.

Leia, Assine e Propague

# SOLERIS

...é um store

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**

Cereais — Toucinho  
Gorduras — Sabões

**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609  
Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342  
**ESPINHO**

**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidro



CRISTAL  
EM CHAPA

Vidro impresso  
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

**DUARTE & C.ª**

— Armazenistas de Mercadoria —  
**Rua 19 - ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

**Mercearia Porto ESPINHO**

Rua doadores, 104 - Tel. 3771  
— GAIA —

Rua Dezanode - Telef. 16

**SABOARIA ATLANTICA**

Rua 26 — ESPINHO

**Cadinha & Couto**

Armazenistas de Mercadoria  
Azéite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO  
Telefone, 52  
**ESPINHO**



**CASA SOUSA**  
PAPELARIA E LIVRARIA

J. Moreira de Sousa Júnior

Telefone, 99

Rua 19 N.º 215 — ESPINHO

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria — La Toja — Jogos, Novidades

CARPINTARIAS

Limpos para todos os tipos de construções, armações para estabelecimentos e tacos para paqué, etc



MARCNARIAS

Mobiliário em todos os estilos em madeiras nacionais e estrangeiras, etc. - Melhores preços - Novas instalações

**Fábrica Moderna de Carpintaria e Marcenaria**

DE

**José Augusto da Silva Quintas**

TELEFONE N.º 59  
APARTADO 48

RUAS 18 E 39  
**ESPINHO**

**PADARIA PROGRESSO**

DE

**Manuel Maria Valente**

**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS**

Fabrico esmerado de todas — as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)  
**SILVALDE**

**PADARIA MECANICA**

**A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84 ESPINHO

**FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Únicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimentícias «Milaneza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, L.da  
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telefones: 21 gramas: FARINHA: APARTADO. 5

Rua 62-ESPINHO

**PADARIA PRIMOROSA**

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833 ESPINHO

**Tipografia Progresso**

Execução de trabalhos tipográficos em todos os géneros

RUAS 11 E 20 ESPINHO

PELO

## DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

## O futebol no Sporting Club de Espinho

## Uma opinião...

O mal vem de traz. Vem de longe. Não se sabe mesmo, ao certo, quando nasceu. E nós não queremos imiscuir-nos em assuntos internos da colectividade. Podemos asseverar porém, sinceramente, que quase todos os dirigentes do velho clube vareiro têm dado o melhor do seu esforço no sentido de valorisar, sempre mais e melhor, os seus grupos de futebol. Todavia...

...« Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão. » E' assim mesmo e assim tem sido sempre nos períodos de crise do popular Sporting que Joaquim Moreira da Costa Jr. — um nome que ninguém pode deixar de evocar falando daquele clube — durante tantos anos conduziu com a maior dedicação — verdade axiomática que, por o ser, não nos dispensamos de arquivar nas colunas do nosso jornal, fieis aos nossos princípios de justiça e sem aquele intuito servil e nojento de só dizer bem quando há que dizer mal!

Mas ... retomemos o trilho. Vamos ao nosso caso de hoje. Espinho, pela categoria desportiva que possui, pelos pergaminhos a defender, pela localização, pelos meios de comunicação, pelas comodidades que garante, por muitos e evidentes motivos, precisa de ter um grupo de futebol de categoria. Esse grupo, claro, devia ser do Sporting Club de Espinho. Como conseguiu-lo?

De duas maneiras, as mais viáveis e capazes: ou caminhando-se para o campo do profissionalismo declarado (referimo-nos ao profissionalismo do género português) ou sustentando-se, declarada e firmemente, o amadorismo puro. De que modo?

No primeiro caso, poder-se-ia formar uma espécie de sociedade constituída por alguns capitalistas locais ou, mesmo, estranhos á terra, auxiliada pelo comércio espinhense, sobremaneira interessado materialmente no caso, e em íntima colaboração com o clube. No segundo caso, reunir-se-ia o maior número possível de jovens dedicados á colectividade, capazes de com amor a servirem, conseguindo os serviços dum treinador de comprovada categoria, tanto quanto possível culto e disciplinador.

Poderão obter-se: quem paga esse treinador? Talvez com o sacrifício de alguns verdadeiros amigos — que os há —, talvez criando uma cota suplementar (parece que esta modalidade foi já experimentada com insucesso estranho e lamentável) de qualquer modo, enfim, que fosse viável.

Os frutos colher-se-iam mais tarde. E então, com um bom grupo, as receitas aumentariam consideravelmente e poderiam dispensar-se os auxílios alheios para o sustento do treinador.

Há, evidentemente, outros processos. Contudo, eles são tão inconsistentes, tão falhos de boa moral, tão alheados da boa ética desportiva, que, quando nascem, estão desde logo condenados ao fracasso!

Ao fim e ao cabo, num ponto estamos todos de acordo: Espinho precisa de um bom grupo de futebol. Das maneiras de conseguir tal intento aqui deixamos declarada a nossa modesta opinião! ...

## GOLFE

Num dos seus próximos números, «Rumo» publicará uma desenvolvida reportagem sobre as actividades do Oporto Golf Club, o qual, como se sabe, tem o seu campo de jogos situado em Espinho (Silvalde).

Entretanto, informaremos que em 26 e 27 do corrente estiveram em disputa valiosíssimas taças. Grande e seleccionado foi o número dos concorrentes. No sábado, 26, disputaram-se 2 provas, em 18 buracos, uma de manhã e outra de tarde, e foram ganhas pelos Srs. C. Sayce e E. Yetman. A prova de domingo, 27, em 36 buracos, foi conquistada pelo Sr. Visconde Pereira Machado.

Os espinhenses concorrentes a estas provas estiveram, desta feita, abaixo do normal.

## Futebol

O grupo de júnior do Sporting de Espinho classificou-se em segundo lugar, na sua série, precedido pelo Beira-Mar. E assim, vai disputar a «poule» final. A tarefa é difícil mas esperamos que os briosos rapazes se comportem á altura dos pergaminhos brilhantemente obtidos.

## Oquei em patins

Para início da nova época disputou-se no Palácio de Cristal, no Porto, um Torneio de Abertura com a participação do Infante de Sagres, Académico e Sanjoanense, com dois conjuntos cada, e do Paço do Rei e Associação Académica.

O Infante de Sagres conquistou com todo o merecimento os dois primeiros lugares apresentando dois grupos de valor muito equilibrado e em plena forma. O nosso «cinco» colocou-se na terceira posição, demonstrando falta de preparação, se bem que conseguisse resultados agradáveis.

No jogo de estreia, com o Académico, representado pela equipa B, os nossos rapazes conseguiram uma vitória ampla por 8-0, denotando ampla superioridade o mesmo acontecendo no desafio contra Sanjoanense B em que vencemos por 18-0 com os últimos 14 goals marcados na segunda parte, de 15 minutos. Rezende, Morais, Alves, João e Abel constituiram o cinco que alinhou no primeiro desafio. Carvalhas substituiu Alves no desafio com com a Sanjoanense, alinhando Clareano a sexto.

2-5 foi o resultado conseguido contra o grupo principal do Infante, com uma bellissima exhibição de João Gonçalves que jogou admiravelmente. A falta de Abel fez-se sen-

As festas do Cinquentenário  
E O DESPORTO

Aproxima-se, a passos largos, o verão do corrente ano em que o Concelho celebrará o seu cinquentenário. Embora os meses que nos separam dessa época não ultrapassem a meia dúzia, nada se sabe de positivo sobre a organização dos festejos nem qual a entidade que chamará a si o pesado encargo. Cremos que a Câmara Municipal, representante máxima do concelho, assumirá a sua direcção.

De modo algum pode o Desporto ser esquecido na elaboração das Festas do Cinquentenário. Vamos esboçar, em ligeiríssimos apontamentos, em que medida poderá ser aceite a sua colaboração.

Vimos já anunciado num jornal diário que o Portugal-Espanha em Natação teria por cenário a magnífica piscina local. A ser assim, poderia este encontro entre nadadores nacionais e do país vizinho constituir uma parte dos festejos. Poderia aproveitar-se a realização da Volta a Portugal em bicicleta para se indicar como ponto final de etapa a nossa vila e ressurgir-se o Circuito de Espinho que seria integrado nessa popularíssima organização desportiva. Um torneio de oquei em patins, com a colaboração de equipas nortenhas e lisboetas, em disputa de várias taças, seria coisa indispensável e, em Setembro, promover-se-ia a vinda a Espinho de duas boas equipas portuguesas de futebol

(um Benfica-Sporting estava mesmo «a matar»). O Campeonato Nacional de Ping-Pong seria apreciado pelos veraneantes e indígenas no salão do Sporting ou qualquer outro que reunisse as condições indispensáveis. Torneios de Tenis, Golf e Tiro aos Pombos, com características internacionais atrairiam a Espinho inúmeras pessoas de reconhecido relevo no meio social português e estrangeiro. O volei e o basquete teriam o seu lugar, bem como o atletismo. Uma gincana de automóveis seria um bom número, com a vantagem de se lhe poder juntar um rallye ou um concurso de elegância e conforto.

Poderá passar todo este arrastado por visão de lunático, mas há que concordar que, se pensado com a devida antecedência e ponderação, tudo poderia realizar-se, a par de muitas outras iniciativas de caracter diverso e em tudo alheias ao desporto. Reste-nos a esperança de que algumas das nossas sugestões poderão ser aproveitadas e declara-se desde já que não temos presunção de sermos... «os descobridores da pólvora».

Auscultem-se as opiniões dos clubes locais: analize-se, sem exagerados optimismos nem os antipodas pessimismos, as possibilidades financeiras destas organizações; e faça-se aquilo que o escasso tempo disponível ditar aconselhável.

tir, se bem que Carvalhas, o promotor júnior de há duas épocas, procurasse cumprir, o que conseguiu aliás. Rezende, Morais e Alves completaram o «cinco» de maneira a satisfizerem plenamente.

Com uma primeira parte admirável, os nossos rapazes não puderam responder no segundo tempo á bellissima exhibição da equipa B do Infante de Sagres, regressando aos vestiários vencidos por 3-0 após um jogo de resultado injusto numa vitória justíssima. A maior velocidade foi o principal triunfo dos vencedores que tiveram no seu médio Figueiredo o elemento mais destacado.

No último desafio deste Torneio defrontámos o grupo do Académico que safu derrotado por 5-2 com goals de Abel (3) e de Carvalhas (2), este último no lugar de João que não alinhou.

Começou a disputar-se a Taça de Honra, também no Palácio de Cristal. A Académica não foi feliz no seu primeiro jogo, com o Infante de Sagres, sofrendo uma pesada derrota. Rezende e Alberto Alves tiveram uma noite desastrosa. Este último necessita de muito treino. Está moroso e pouco combativo. O lugar que ocupa no grupo não permite tais falhas. E se Morais e Alves permutassem os lugares?

João Gonçalves está a ser agora uma vítima dos adversários e dos árbitros. O rapaz procurou corrigir-se de certas atitudes, na verdade impróprias, e procura fazer agora o jogo pelo jogo. Sabendo isso, os adversários perseguem-no e provocam-no implacavelmente.

Queremos deixar aqui consignado o nosso protesto contra os arbitragens regionais, ou locais, como quizerem, sejam do Sr. Laurentino, do Sr. Couto, ou de qualquer outro senhor. Com efeito, Académica, Carvalhas ou Paço de Rei são insistentemente prejudicados com «apitadelas» desonestas, facciosas. A arbitragem, por exemplo, do Sr. Couto (chefe de secção do Académico) no último «Infante-Carvalhas», para a Taça de Honra, foi, a todos os títulos, uma lástima. E o Infante não precisa de favores do Sr. Couto, ou outro que tal, para ganhar os jogos!

Para a referida Taça, a Académica jogou contra o Paço de Rei, a quem venceu naturalmente. Carvalhas substituiu Alves e Rezende cedeu o seu lugar a Nascimento. Este está ainda muito «verde». Mas lá irá, com o tempo.

## Torneio de Juniors

Visando unicamente á formação de novos jogadores, iniciou-se no passado domingo, 20 do corrente, este torneio com a participação de cinco clubes: Infante de Sagres, com duas equipas, Académica, Sanjoanense e Paço de Rei.

A primeira jornada forneceu os seguintes resultados:

Sanjoanense 2	Infante B 4
Paço de Rei 3	Infante A 11
E. Vigorosa 2	Académica 1

O nosso «cinco» composto por Gato, Hígino, Manuel, Barros, Cancela e Oliveira, actuou com demasiada timidez perante um adversário fisicamente muito mais bem constituído. Contudo o resultado foi animador se notarmos que foi obtido no campo do adversário. Gato, Hígino e Barros salientaram-se; os dois primeiros pelo que jogaram e o último pela «pancada» que apanhou!

A próxima jornada a realizar no dia 6, proporciona-nos um desafio em Espinho com o Paço de Rei.

Que os nossos associados e simples adeptos saibam acarinhar como é devido os nossos «miudos» é o que mais desejamos.

## Oquei em campo

No jogo efectuado, no Campo da Avenida, contra o Boavista, o grupo da Académica foi batido por 1-0, ponto obtido no segundo tempo. Os espinhenses alinharam só 10 elementos, o que é muito de lamentar.

A secção de Oquei em Campo atravessa uma crise grave, em parte motivada por estranhos factores. Cumpre á Direcção da A. A. dar remédio pronto ao mal. E é fácil.



# STRINDBERG

Continuado da pág. 10

Enfim, não precisamos de grandes conhecimentos para verificarmos que, entre a «revolta» de Ibsen e a «revolta» de Strindberg, existe um abismo. Visto por alto, Ibsen parece-nos manter mais serenidade, respeitando mesmo a dignidade burguesa. Trata os problemas sem perder a cabeça. Eleva até a sua sobrecasaca. Strindberg, visto ainda de mais alto—porque o nosso público conhece-o muito mal—tem um aspecto turbulento já diferente. A sua revolta, qualquer que seja o fim, e confessamos que muitas vezes nos parece confusa, é talvez, mais nativa; treme de indignação, espuma de furor.

O que há de grosseiro e falso nesta imagem simples? Falta-me autoridade para dizê-lo. Mas ela permite-nos indicar onde se completa e se corrige, se analisarmos o modelo de mais perto.

Julgo que antes de representar a Escandinávia, a Suécia ou a sua época, Strindberg representa-se a si próprio. É, sobretudo, um autor subjectivo; um eu autónomo, instável e explosivo, que é conhecido por ter escolhido a literatura como meio de expansão, de desabafo, e, também, de vingança.

São numerosos em todas as literaturas os autores subjectivos. É uma verdade elementar dizer-se que todo o escritor é subjectivo, quaisquer que sejam os esforços para eliminar o coeficiente pessoal, na pintura que faz das coisas e do homem. Mas não é menos verdade que as diferenças nesta consideração são infinitamente graduadas, e que os termos extremos da escala, chegando a representar duas funções do escritor, quase têm uma medida comum. Estas diferenças tanto se devem à imaginação como ao temperamento do autor.

Há épocas em que os grandes espíritos não julgam as particularidades pessoais dignas de atrair sequer um instante da atenção do público. Outras há em que o menor rabiscador acha os seus males de estômago dignos de ser fielmente transmitidos à posteridade. Mas, entre os escritores subjectivos, alguns contentam-se em obedecer ao temperamento, e a tendência do temperamento é tão imperiosa que o elemento biográfico não intervém senão a título secundário. Contam ou

descrevem, mas não se mostram. A sua subjectividade opera-se, pode-se afirmar, no eterno. Chegamos até a considerar desprezíveis os acontecimentos das suas vidas. Estes acontecimentos poderão não se produzir, que nada de essencial mudará. A obra corre como um rio cuja corrente e o declive, igualmente fortes, podem mais que os acidentes do percurso. A vida sómente lança alguns reflexos na sua passagem e introduz mais ou menos redemoínhos.

Noutros casos, o elemento biográfico é primordial. A obra é, antes de tudo, aquilo que se recebe (mais ou menos alterado pela sensibilidade e imaginação). A obra é uma espécie de «biograma» — um traço cujas oscilações correspondem, amplificando-se quase sempre, aos movimentos do destino.

Chegados aqui, sei bem que se põe a famosa questão: «Não somos nós os principais agentes do nosso destino? Não será o «biograma» o caracter ou mesmo o ser metafísico que se desenvolve no tempo?» Seja o que for, é preciso concordar que alguns são bem sucedidos ao falar sempre deles sem nos confiar nada, ou quase nada, do contingente e do temporal na sua vida; ao passo que outros exprimem-se com tanta facilidade e franqueza que se aproximam da confissão directa.

Strindberg é destes ultimos. No entanto, na falta de elementos, de apontamentos seus, arriscamos-nos, a todo o momento, a um engano sobre o sentido e a tendência da sua revolta. Por exemplo, tentemos procurar uma continuidade, uma coerência, descobrir uma ligação entre as ideias, as forças, as instituições que combatia, e do mesmo modo, a aparentar o seu apostolado e a sua profecia com outros da mesma época que conhecemos mais ou menos. Num exame vemos que não só atacou a sociedade burguesa da era vitoriana e aos preconceitos que a alimentavam; mas também àqueles que a minavam, aos reformadores, aos emancipadores. Odiou especialmente o feminismo. Alternadamente, tomou para vítimas da sua cólera e do seu despreso frenético, o mundo antigo, o novo mundo, as potências do dinheiro, as potências da opinião, a aristocracia, a democracia, a elite, o povo, as

## BRANCO E PRETO

NOVELA INÉDITA

Por Alvaro Redondo

Só naquele dia é que Magda compreendeu o abismo que a separava do marido. Desde esse dia ameaçou odiá-lo, em silêncio; começou a desprezá-lo, a ter-lhe nojo e a sentir um desejo consciente de matá-lo.

O marido não se apercebeu do drama psicológico daquela mulher, de quem possuira o corpo mas de quem perdera a alma.

Habituara-se a considerá-la como um objecto agradável a que recusava personalidade. Supunha-a vergada à sua vontade, moldada aos seus desejos e instintos. Se lhe dissessem que

mulheres, os jovens, o catolicismo, o protestantismo, o obscurantismo, a superstição do progresso, e até, a química oficial. É impossível imaginar, mesmo muito vagamente, o mundo que tivesse aceite, e tampouco, aquele que desejava. Strindberg era uma alma nascida para a dor e revoltada, por vocação. Nascera fadado pelo azar. Quase que ousava afirmar que bastava a certeza da existência ampla duma coisa, para ele lhe ser hostil, provocando o sofrimento, despertando a sua indignação. Não conheço nada, a não ser as ilhas do arquipélago báltico, de quem tenha falado com ternura durável; e ainda com a condição de serem limpas do bolor humano que as cobria aqui e ali. Alguns acrescentarão o ocultismo. Mas se o ocultismo não ocupasse no mundo o lugar tão pobre de — ciência maldita — não creio que Strindberg resistisse muito tempo à tentação de o denunciar e de lhe combater a influência.

É assim, que o desenvolvimento da sua experiência viva, pondo-se Strindberg em contacto sucessivo com as realidades da época, lhe trazia alternadamente as ocasiões de sofrimento, e as vítimas da sua cólera. A sua biografia pode formar o índice dos capítulos dum panfleto universal.

Mas, então, porque nos interessa Strindberg? Em primeiro lugar porque é um grande artista. Mesmo através da tradução, sente-se o vigor do seu pensamento servido por um estilo sadio.

Magda tinha aspirações e anseios, ideias e pensamentos, Jorge encolhia os ombros indiferente como se lhe fosse impossível conceber na sua mulher mais do que até ali lhe tinha atribuído: Beleza e Maternidade.

Mas desde que Magda se compenetrara de que o marido, além de imbecil, era um tratante, que toda a sua pretensa moralidade nada mais era que uma atitude social, começou a odiá-lo, na sua revolta de se ter prendido eternamente a um homem que, no fundo, era um miserável e que, sem dúvida, não a merecia.

Desde esse dia Jorge estava condenado. Mas Jorge só atingiu a natureza do perigo que o rodeava quando os acontecimentos se precipitavam com aquela velocidade e intensidade que impedem que paremos a avalanche.

Quando Jorge sentiu o perigo já Magda não lhe pertencia. Estava tão divorciada da sua vida como se nunca o tivesse conhecido. Na impossibilidade de matá-lo, abandonara-o. Mas abandonara-o mantendo, no entanto, uma luta fria contra ele. Desleixara o arranjo do lar. O lar era, para ela, como um Hotel, em que ia comer e dormir. Estava tão deslocada no seu lar, como se lhe não pertencesse. Falava ao marido, quase em monossílabos, sem se interessar pelos seus problemas e pelas suas dificuldades. Limitava-se a pedir-lhe: dinheiro.

Gastava uma fortuna na modista, no cabeleireiro, nas casas de chá.

Continua na pág. 10

«Pelo seu pensamento, dirão? Mas, pode-se gostar dum pensamento tão contrário e que nunca acaba de se negar e de se destruir?» Sim; se o tomarmos como um drama, um drama que introduz sucessivamente muitas personagens, separadas por ódios inconciliáveis, por incompreensões furiosas. Cada personagem exprime-se com um vigor e uma convicção admiráveis, com uma acuidade de consciência que remonta às origens do ser, com uma verdade que a literatura raramente guarda. Torna-se necessário conhecer a língua Sueca para apreender a sua prosa substancial.

Mas há um outro motivo de interesse, mais profundo e de valor muito actual. Strindberg, que tinha a vocação do sofrimento e era um predestinado da revolta, satisfaz a necessidade incondicional que nós temos de amaldiçoar as coisas em geral, de condenar o mundo na sua totalidade, de ferir uma após outra as cabeças da hidra. Esta é a necessidade que nós recalcanos a maior parte do tempo. Não podemos desejar que se lhe dê satisfação muitas vezes, nem, sobretudo, que se explore. Porque, então, acabariamos numa retórica da pior espécie, numa indústria ignóbil. Mas Strindberg estava menos sujeito que outrém a procurar lucro ou gloriola desta maneira. É em vozes insuspeitas como a sua que a alma humana delega, de boa vontade, em face dum universo que a esmaga, poderes para protestar em seu nome.



# A «CORÇA»

Continuado da pág. 10

vez? Não tens mais que a bondosa que és e a bonita e jeitosa como Deus te criou. Lembras-te quando trabalhávamos juntos e o ti Chico me ralhava por eu tocar a flauta e não o deixar dormir? Trago-a aqui; queres que toque?

—Sim, sim... mas vai-te embora!

—Pronto, irei então a tocar para agradar-te. Trata-me bem da junta!

A sombra do arvoredor enguliu Tomás, mas daquela obscuridade surgiu a canção pastoril como cântico de alvorada, que se foi afastando, que se foi perdendo no bosque espesso, como o eco duma esperança que se dissolve na bruma da melancolia.

Oh! Deus! Já não o ouvia a «Corça» que continuava escutando. Aquele gorgueio da palheta do píafaro, que alegrou a casa e o palheiro, perdera-se para sempre! E a «Corça» dizia isso mesmo: — Para sempre!...

Quedou-se ali, rígida, olhando a sombra movediça que já lhe não trazia um eco, ao menos. Uns pirilampos de luz, que a flor da erva deixou à cabeça, abriram as lanternas e moviam-se na sua estranha fosforência como oscilante diadema de viva pedraria; as mimosas deixavam cair, qual chuva doirada, os flocos aureos das suas flores; a ramagem ondeava com rumor de querela; o rouxinol erguia, do choupo, a sua nota de amor, cada vez mais cheia, cada vez mais trémula e apaixonada, e o som dulcíssimo das campainhas, entre o zunido nostálgico dos ralos, respondia mansa e apaziguadoramente ao primaveril concerto que enchia ceus e terra.

—Ai! Cuidas! é? Cuida-las tuas. Que são minhas!! Nem elas nem eu somos de ninguém! De ninguém!!

E renegou o mundo, um mundo tão mentiroso em que os rouxinóis trinam e gozam de amor as mariposas, enquanto o coração humano sangra e rugé. Uma súbita impaciência sacudiu-a, ao modo que sacudiam o monte as olorosas brisas; sentiu a ânsia de ser mais livre, de ser mais só, de beber de um trago toda a amargura.

—Sei como isso se faz. Sei-o. Vão vê-lo depressa.

E, carregando com o feno leve onde havia súbitas estrelas lucilando, aquela alma selvagem dirigiu-se ao temível recanto em que crescia a erva mortal que matava as vacas.

Era um lugar tristíssimo: o manto espesso de erva venenosa, húmido de orvalho, estendia aléivosamente o seu verdor intenso e espargia o seu perfume em carícia traçozeira.

—Conheceis-me, não é assim? Vim sempre afastar o gado... venho agora para ao gado vos levar. Que coisas, anh? Se tivésseis boca, havíeis de vos rir. Eu, que tenho boca, não me rio...

até com os dentes choro! Misturou no feno mão cheia de trevo venenoso e de cicuta em flor e regressou a casa com uma energia algo turbulenta que a fazia tropeçar e dar rodeios.

As duas vacas viraram as cabeças e mugiram, saudando-a.

A «Negrita» tinha o rabo enroscado e a «Farrusca» tinha a baba fio de prata com sua língua de palmo. Enquanto ansiosamente remoíam a erva nas molhadas bocarras, a «Corça» amimou com ternura os mansos animais, qual mãe a despedir-se dos filhos.

—Não, não sereis de ninguém. Vamos todos.

E mostrou com a mão o horizonte obscuro, um sítio desconhecido que estaria muito longe, acaso tenebroso, acaso risonho, aonde a Primavera só traria flores e nenhuma lágrima. Entrou na cerca e os bezerros achegaram-se-lhe brincando como dois cachorros. Franqueou-lhes a porta e eles entraram cheios de alegria, a beber o último trago de vida de umas entranhas em que se revolvía a morte.

—Dizia-mo o coração... eu não podia acabar senão ao ar livre. Não houve outra mais independente nem mais só. Agora quero ser mais. O «Arremelado» acertou: — tudo aquilo não foi senão aragem... um relâmpago que me deixou seca!

Ao chegar outra vez ao sítio em que crescia, branda e falsa, a erva mortal, julgou ouvir aquele silvo melodioso da flauta soltando primorosos sons debaixo das copas das mimosas.

—Não é, não é. E' o rouxinol. Outro embusteiro. O outro calou-se... para mim, para sempre... Maldito seja!

\*

\* \*

Branca, a lua parou com as primeiras luzes da aurora; uma faixa cor de rosa tingiu a borda dos cêrros; a turba alada despertou num piar inocente que remoçava o campo e uma cotovia, que se perdia nas núvens, passou deixando cair seu cântico vibrante como alegre ideal que empolga o azul infinito.

Saíu o sol, vermelho como papoila enorme, e seus primeiros raios cor de sangue alumiarão uma coisa triste que manchava o nacarado esplendor da Primavera. Atrás do palheiro, duas vacas negras e lustrosas levantavam as barrigas inchadas por onde passou o veneno. Dois bezerros pareciam gemer junto aos úberes frios que a morte secou. Mais abaixo, sobre a alfombra daservas mortais, estava a «Corça» estendida, morta, com a bôca verde e o ventre inchado qual outra vaca louçã e bravia.

Por aqueles corpos havia passado uma rajada de paixão, da paixão que mata.

# P O E S I A

## Asas Cortadas

Inda posso esperar... Mas para quê?  
Meu sonho e meu desejo são tormento  
Que quem olha de fora nunca vê,  
Mas que me dói e segue como um vento.

Há núvens, há luz, música... sei lá!  
Há um sol babujando sangue e fogo...  
Conheço (triste sorte!) aquilo que há  
E na névoa sem corpo é que me afogo!

Eu quisera atolar-me, além, lá longe,  
Voar com asas minhas, isolar-me,  
E sou, neste convento, um triste monge  
Que não sente a volúpia dum alarme...

Minhas mãos afoguei em pedrarias,  
Mas sob elas há a dor que se não vê;  
Nada possuo e sinto as mãos já frias...

Inda posso esperar... Mas para quê?

Emilio Machado

## Palmeira

Palmeira velha  
De ramos espetando o vento,  
Sacudida e sêca  
E presa à terra  
Como um grito atirado ao céu.

Nem um ninho, nem uma ave  
Em ti poisa. E o luar  
Que em tí descansa  
Traz um pouco de desengano.  
Ao longe não há desertos  
Nem uivos, nem feras, nem tradições...

Palmeira velha  
Com um destino igual ao meu:  
Presa à terra  
Como um grito atirado ao céu.

Dúlio Silva

## Desilusão

Costumava regar, de manhã cedo,  
Do meu jardim as plantas descoradas,  
Que a luz do sol banhava quase a medo,  
Por viverem na relva estranguladas.

E, por acaso, um dia, á minha beira,  
Anichados na sombra dum recanto,  
Fui encontrar, em flor, da cerejeira  
Os botõezinhos que eu amava tanto.

E nasceram, enfim, as cerejinhas,  
Que eu, com razão, considerava minhas,  
Pois delas tinha com amor cuidado;

Mas, eis que sopra ventania brava:  
E as cerejinhas, com que eu já contava,  
Caíram todas no quintal do lado...

Alves da Costa

# A «CÔRÇA»

Conto por JOSÉ NOGALES

O casamento de Tomás e Celina ficou combinado diante do palheiro, numa noite de Primavera em que a lua começou a subir, filtrando a sua luz como através duma peneira, por entre as ramadas e as copas das árvores.

Em troncos de carvalhos e em môchos de pinho, estavam sentados: Filipe, «o gordo», pai de Celina, e a sua mulher, uma pobre mulher que parecia uma ovelha gafada que nem tujia nem mujia; tio Francisco, «o Arremelado», pai do noivo; Celina, moçoila «de bigodaça e de levantados parapeitos», segundo o discreto elogio com que a elogiara um comerciante; Tomás, o ágil e desenvolto e alegre pretendente, e Dorcas, «a Côrça», sobrinha do «gordo», órfã recolhida desde os seus 3 anos.

—A coisa está assim, Chico, no que a gente propôs; e lembra-te do que foste dantes, agora que és recoveiro. Isto, se querem... e só resta estender o pescoço. E não me venhas cá com que o rapaz namoriscava a «Côrça», porque isso, ela que o diga, foi uma aragem, parece-me...

—Aragem? Menos ainda: um relâmpago doído que nem aquece nem arrefece—disse a «Corça» com um mochocho de desdem.

—Bem, homem! Não me enganei, pelos vistos. Mas parece-me que, dando a casita do povoado, já faço bastante.

—E a junta, meu Pai Sem a junta não me caso.

—Vês, homem? Larga a parelha das vacas!

O «Gordo» soltou um suspiro dos mais fundos e acenou que sim com a cabeça. Doía-lhe aquela promessa de entregar as duas vacas paridas, ambas negras, lustrosas, gordas e possantes. A «Corça» deixou cair outro suspiro molhado em lágrimas, porque ela tratava das vacas e dos bezerros e eles queriam-lhe, com fiéis extremos de um carinho são, paciente, melhor do que o dos homens.

Um rouxinol que se aninhava em um choupo, começou a cantar tão amorosamente, que despertou as dormentes brisas da serra. O monte desfazia-se em olores de uma intensidade vivificante: o acre perfume do rosmaninho e dos pompilhos, dos tomilhos e da herva doce, das ervas e dos arbustos em flor, enchiam o ar saturado de germens. Latejava a vida como latejava o sangue, com nova força, com imoderado impulso.

Detrás do palheiro, mujiam as duas vacas chamando os bezerros, e, ao meneio das papadas, tocavam os guizos com um som concertado, dulcíssimo, que se perdia sob o entardecer, quais notas de cântico pastoril nascendo daquela ocasião e daquele lugar tão agradável.

Tomás aproveitou uma pausa que os velhotes faziam, tirou o píforo da algibeira, o de três ori-

fícios, e começou uma sonata, meio aprendida meio improvisada ali, ao lado da linda moçoila, a quem, à luz da lua, os olhos reluziam tanto como os ribeiros.

—Quem bem que toca!—diziam Filipe e o «Arremelado». E aquele pegou na cântara do vinho e na malga, e mais não foi preciso para que uma súbita res-tea de alegria os inundasse. O píforo obrava primores e acompanhavam-no bem o rumor confuso e dolente do arvoredo, o som das campainhas, as notas pujantes e enamoradas do rouxinol e até o mugir longínquo do gado selvagem passeando seu vulto pelo monte.

—Basta de musiciques, que é tarde!—disse a «a Côrça». —A «Negrita» e a «Farrusca» estão a chamar-me: querem erva e tenho de ir à cêrca para lhes trazer um braçado.

—Isso. Cuida-me bem delas, «Côrça», que já são minhas. —E o músico pôs-se a rir com todo o gosto.

A «Côrça» não respondeu. Levantou-se e deitou-se a caminhar, depressa, para a frente, até que se perdeu nas sombras.

—A rapariga tem razão. E' tarde e o povoado fica longe. Vens daí, Tomás?

—Eu ainda fico por casa dos vizinhos.

Filipe olhou para o céu a ver a queda dumas núvens e o encabitar de outras, meneou a cabeça e julgou por aqueles sinais que não havia recreio que tanto o solicitasse como a cama; e assim, despediram-se uns dos outros.

\*

A meio da vereda, sob a ramagem de quatro mimosas que se juntavam, viu Tomás um vulto derribado sôbre o tapete da relva.

—«Côrça»! Tu caíste? Mas tu não bebeste... Reparei bem.

—Não, não caí! Tenho frio...

—Frio tu, nesta noite em que não sei que sopros mornos agitam as campainhas?! Queres que te levante? Fala!

—Sai daí, animal daninho!

—disse a «Côrça» levantando-se.

—Se me tocas, estripo-te!

—Não há de ser tanto... Acorda!

—Não acordo!

—Estás a bater com os dentes. Deixa ver... é para abrigar-te, maluca! Levo-te ao palheiro.

—Não é meu. Até hoje nunca repari em que não é meu. Nada é meu. Nem as vacas, que são tuas.

—Olha...! Toma tento. Pois já tiveste alguma coisa, alguma

Continua na pág. 9

EM MARÇO

NUMERO ESPECIAL

Dedicado ao Dr. Manuel Laranjeira

Publicação de inéditos e colaboração de alguns dos melhores nomes da nossa literatura

# STRINDBERG

Tradução de NUNO RANGEL

A Suécia celebra, agora, o I Centenário de Augusto Strindberg, uma das suas maiores figuras literárias.

Julgamos prestar um bom serviço ao leitor, transcrevendo, com a devida vénia, do jornal "Les Nouvelles Littéraires", este admirável artigo de JULES ROMAINS—da Academia Francesa.

Qual é a ideia que hoje se faz, nos países do Ocidente, de Strindberg, de quem a Suécia celebra, agora, o centenário?—

Um escritor nórdico do fim do século XIX. Uma natureza sombria e violenta que amava o desespero e libertava-se em gritos dilacerantes. Um discípulo de Zola e adepto do naturalismo que introduziu numa literatura sem inquietações. Como escandinavo, foi discípulo e émulo de Ibsen e Björnson, embora os separem nítidas diferenças. Os três contribuíram para a formação duma cultura escandinava independente, dando cor definida a uma divisão da rosa dos ventos europeia, cor que já mais se apagará. A partir deles, a maneira escandinava de ver as coisas ocupa um lugar de relevo na resposta às interrogações da consciência europeia. É o que é para nós, ocidentais, a maneira ou nuance escandinava? Não é fácil explicá-la. São precisas muitas palavras e assás diferentes, mesmo contraditórias: Seriedade; angústia da vida interior e da vida moral; mistura de frieza e de entusiasmo, de prudência e de paixão; amor embriagado da vida e da natureza, com acessos de lucidez pessimista, nos homens; frescura de alma, ingénua e

infantil quando comparada com a maturidade experiente do Latino, e, ao mesmo tempo, inteligência moderna, jovial, e predisposição para a abstração audaciosa, para a aventura espiritual.

E quando pensamos na alma escandinava, em particular, na da «época heroica», que se afirmou e desenvolveu na segunda metade do século XIX, podemos acrescentar a palavra «revolta», embora fiquemos um pouco embaraçados com a justeza do termo. Não mentimos, ao dizer, que parece existir com nitidez na literatura escandinava, um certo sentimento de revolta, um apelo à insurreição do homem contra uma ordem estabelecida. Mas revolta contra quê, na verdade? Aqui, embaraçam-se as nossas ideias. Sabemos bem que em diversos pontos, o sentimento escandinavo de revolta coincide com o nosso, traduzindo a mesma tendência da consciência europeia, da consciência moderna em geral. Mas noutros pontos, não tem ele atacado, e com grande fracasso, ídolos e formas de opressão, que para nós já não passam de recordações e de vestígios, diferença essa que, em todo o caso, não será ridículo, especular?

Continua na pág. 8

# BRANCO E NEGRO

NOVELA INÉDITA

Por Alvaro Redondo

Continuado da pág. 8

Jorge ouvia falar muito em Magda. Magda começou a surgir-lhe perante os seus olhos como uma nova mulher. Começou a compreender que nunca a conhecera. Tempos antes ela pedira-lhe autorização para escrever nos jornais, em revistas, etc... Ele autorizara-a com um sorriso irónico, trocista, como quem faz um acto de generosa misericórdia.

Hoje, em todos os jornais, havia sempre uma crónica, um conto, um artigo de Magda. Recebera até um prémio na Academia.

Começou a ouvir, à sua passagem, a frase: Aquele é o marido de Magda. Começou a ser apre-

sentado como: Jorge Alencar, o marido de Magda.

E quando Jorge teve a revelação de Magda verificou, fazendo uma análise ao passado e ao presente, que algo se tinha modificado entre eles. Concluiu, então, com mágoa e desespero, que a tinha perdido.

Perdido para sempre? Sim talvez. Mas por sua culpa, apenas por sua culpa.

Examinou a mulher dissimuladamente. Leu-lhe nos olhos o desprezo por ele e na dureza da face a personalidade que lhe negara e desprezara.

Sentiu, então, que era difícil reconquistá-la. Mas pela primeira vez sentiu a necessidade de a reconquistar...

E começou a urdir o plano que lhe havia de entregar essa mulher que hoje era mais difícil, mais gloriosa de conquistar...

E lentamente, com perseverança, deu início ao plano que tinha engendrado...